



Valorização da arquitetura hospitalar pavilhonar nos remanescentes do antigo Hospital de Isolamento de São Paulo

Ivone Salgado¹, Paulo Fraga Silveira²

¹ Doutor em Urbanismo pelo Instituto de Urbanismo de Paris, Universidade de Paris Val-de Marne, professora do POSURB-ARQ e da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da PUC Campinas, Campinas, SP, Brasil, salgadoivone@puc-campinas.edu.br

² Mestre em Urbanismo pelo POSURB-ARQ da PUC Campinas, professor do Centro Universitário de Jaguariúna, Jaguariúna, SP, Brasil, arqfraga@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O Pavilhão Classe é um dos três edifícios remanescentes do antigo conjunto arquitetônico do Hospital de Isolamento de São Paulo; ele acolhia os doentes da aristocracia, enquanto que os outros pavilhões recebiam a população em geral.

O edifício era composto por duas alas independentes, cada uma com a possibilidade de acomodação de uma família inteira. O acesso frontal se fazia por uma escada pelo centro que dava acesso a um alpendre. O projeto original do Pavilhão Classe foi concebido por princípios higiênicos e possuía um átrio central, inicialmente descoberto, que possibilitava o banho de sol dos doentes sem que estes sássem da edificação.

Por solicitação do Centro de Estudos Emílio Ribas, esse edifício histórico passou por um processo de restauro em 2001, financiado pela Lei Rouanet, sendo o arquiteto Paulo Fraga Silveira o responsável pelo projeto de restauro. Após uma vistoria técnica com objetivo de resolver alguns problemas de conservação, quando foi realizado um levantamento documental e prospecções no edifício se constatou a necessidade do restauro. Dentre os problemas de conservação, na época, se destacavam: existência de cupins na cobertura, tanto do alpendre como da cobertura do átrio que se localizava no centro do edifício; problemas de infiltração de água, sobretudo no madeiramento desta cobertura central; deterioração nos pisos de madeira, entre outros.

Originalmente o Pavilhão Classe possuía uma varanda frontal, alpendre (Figura 1). Na parte central da fachada localiza-se o alpendre com uma cobertura em telha cerâmica sustentada por esbeltas colunas de ferro fundido que formam cinco arcos a partir da utilização de peças de mão francesa.

O edifício foi construído em alvenaria de tijolos, sendo parte aparente, possuindo moldramento em argamassa pintada de ocre a base de cal, com janelas emolduradas em madeira pinho de riga na cor natural. A cor ocre original do edifício foi verificada na prospecção por nós realizada em 1999.

A escadaria de acesso principal (Figura 2) foi construída em mármore de carrara, com gradil e balaústre de ferro fundido com corrimão de madeira. Nos dois primeiros degraus da escada foi utilizado o recurso do "convite", que consiste numa curvatura que visa facilitar o acesso. Assim como na escada, o alpendre possui gradis de ferro fundido em desenhos ondulados e trabalhados, e uma espécie de corrimão de madeira.

O projeto de restauro foi desenvolvido e analisado pelo IPHAN para ser aprovado pela Lei Rouanet. Foram captados cerca de 80%

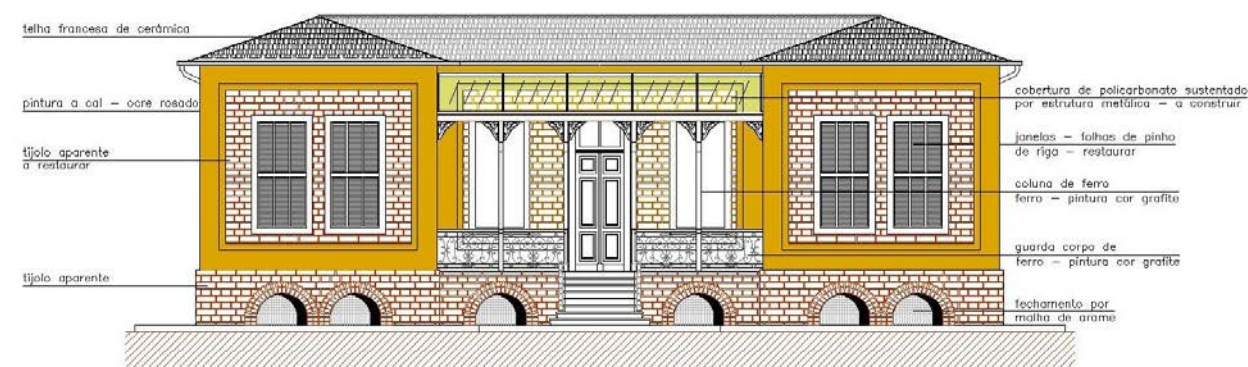


Figura 1: Reconstituição da elevação frontal do Pavilhão Classe em 1999. Fonte: Paulo Fraga Silveira, 1999.

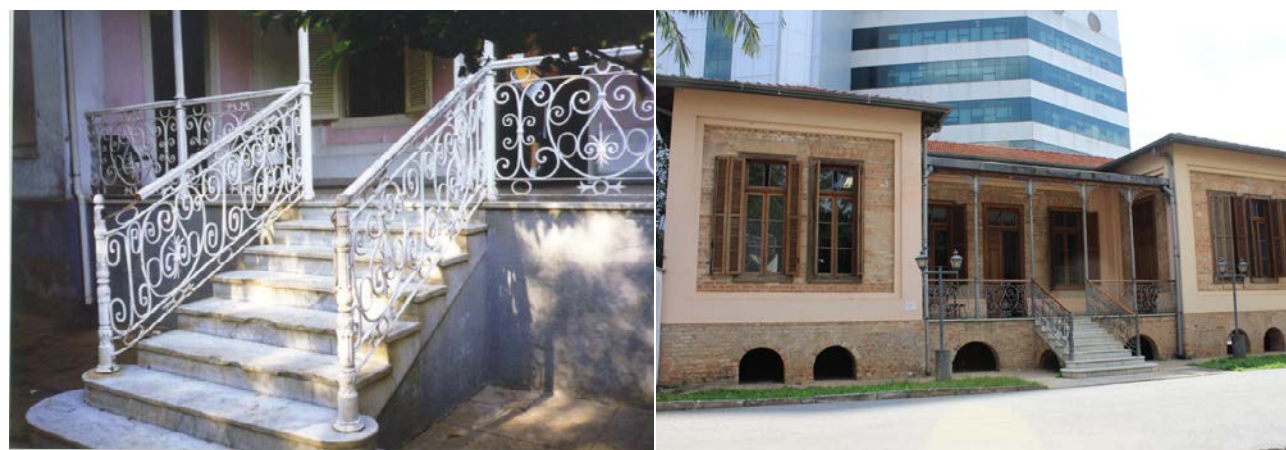


Figura 2: Escada de acesso ao alpendre frontal do Pavilhão Classe em 1999. Fonte: Paulo Fraga Silveira, 1999.

Figura 3: Vista frontal do Pavilhão Classe restaurado. Fonte: Paulo Fraga Silveira, 2018..

dos recursos para a execução das obras e em 2002 estavam concluídas essa etapa de restauração. No restauro o objetivo foi garantir a autenticidade da arquitetura original além de reinterpretar as soluções dadas, as técnicas construtivas e o contexto em que a edificação foi concebida e construída.

A conclusão do restauro do Pavilhão Classe promoveu uma divulgação do valor arquitetônico e histórico do edifício (Figura 3), sendo inclusive objeto de apresentação na 5ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo em 2003, o que suscitou ações de tombamento pelos órgãos competentes de São Paulo.

As ações de tombamento do antigo Hospital de Isolamento de São Paulo

Em 2005, o CONPRESP – Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo, pela Resolução 08/2005, aprovou o tombamento Hospital Emílio Ribas, tombamento este que “engloba duas edificações (o antigo Pavilhão de Classe, atual Casa Rosada, e o Pavilhão nº 2, sede da biblioteca) e o portão original. Remanescentes do antigo Hospital de Isolamento da Cidade de São Paulo”. (CONPRESP, 2005)

Segundo Miura (2015, p. 57), em 2007 ocorreu o tombamento pelo CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo) do denominado Quadrilátero da Saúde, na cidade de São Paulo (figuras 4 e 5), um marco na história da implantação do sistema de saúde pública no Estado de São Paulo. Este tombamento realizado pelos técnicos deste conselho estadual foi o resultado de análises que se consubstanciaram

num documento interno denominado Estudo de Tombamento do Quadrilátero da Saúde, memória dos investimentos públicos na área da saúde no bairro de Pinheiros. São Paulo, de 2005, e resultou no Processo nº 52.290/2005.

Anteriormente a 2005, dentro do denominado Quadrilátero da Saúde, o CONDEPHAAT já havia reconhecido como patrimônio cultural estadual o Acervo da Capela do Hospital das Clínicas, o Instituto Oscar Freire, a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, o Edifício Central do Instituto Adolfo Lutz e o Conjunto de Edificações da Associação do Clube Atlético Oswaldo Cruz; processos Condephaat SCET 09079/1969, 20.625/1978, 26.329/1988, 28.225/1990, respectivamente. (MIURA, 2014, p. 59).

Neste processo de tombamento de 2007 (Processo nº 52.290/2005) delimitou-se um perímetro, o chamado quadrilátero da saúde, no qual os três edifícios remanescentes do antigo Hospital de Isolamento, nosso objeto de estudo, quais sejam os edifícios Casa Rosada, Casa Azul e Biblioteca do Instituto Adolpho Lutz, estão na área envoltória aos bens tombados.

Procurando fazer uma revisão dos conceitos de área envoltória, uma equipe do CONDEPHAT, formada pelas especialistas Sílvia Wolff, Dayse de Camargo, Fátima Tavella, Paulo Del Negro e Tereza Epiácio, desde maio de 2005 deu início a um estudo sistemático dos edifícios do quadrilátero visando uma ampliação dos tombamentos realizados nos processos entre 1969 e 1990 e nas restrições de áreas envoltórias. (MIURA, 2014, p. 61)

Estes estudos da equipe de técnicos do CONDEPHAAT foram realizados paralelamente ao processo de tombamento pelo

¹ Ver: SILVEIRA, Paulo Fraga. Projeto de Restauro do Antigo Pavilhão Classe do Hospital de Isolamento de São Paulo. Catálogo da 5ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo, Exposição Geral, 2003, pg 375.

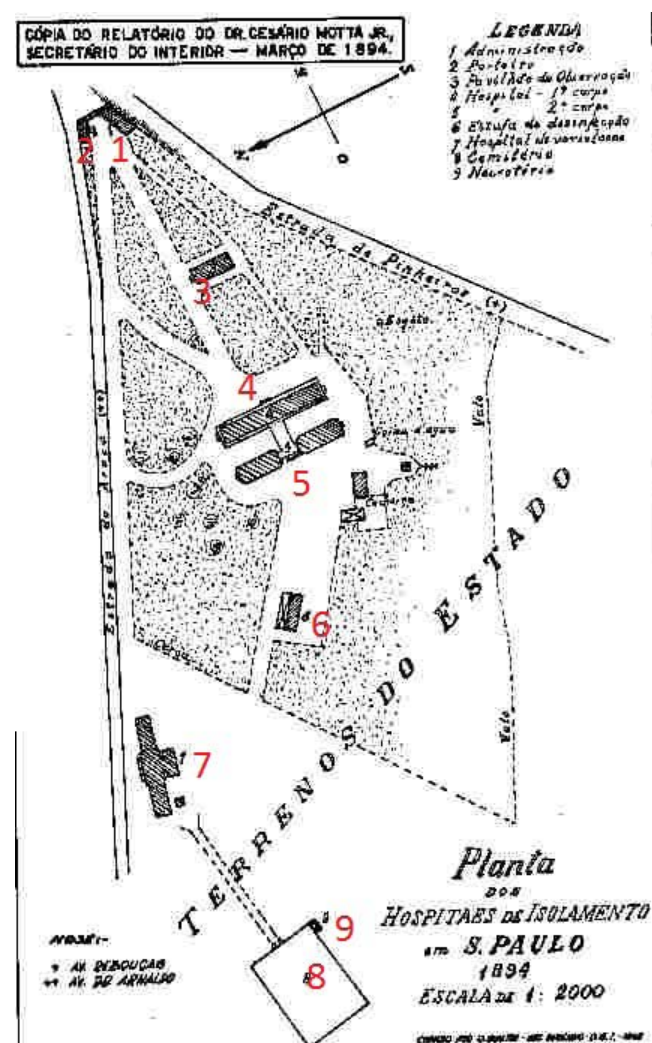


Figura 4. Planta do Hospital de Isolamento em São Paulo, em 1894, onde: Administração; 2 Porteiro; 3 Pavilhão de Observação; 4 Hospital, 1º corpo (denominado futuramente Pavilhão 2); 5 Hospital, 2º corpo, 6 Estufa de desinfecção; 7 Hospital dos Variolosos; 8 Cemitério; 9 Necrotério. In: MOTTA, 1894, cópia autêntica do relatório apresentado ao senhor Doutor Presidente do Estado de São Paulo pelo Doutor Cesário Motta Jr., Secretário de Estado dos Negócios do Interior, em 28 de março de 1894, capítulo referente a Hospitais. Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo. Acessado em 06 de Junho de 2017.

CONPRESP (Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo), que em 13 de julho de 2005 publicaria a resolução n. 08/2005, resolução que homologou o tombamento do Antigo Pavilhão Classe (atual Casa Rosada e área administrativa do hospital Hospital Emílio Ribas), do Antigo Pavilhão n. 2 (atual Biblioteca do Hospital Emílio Ribas), e do portão original do antigo Hospital de Isolamento. (CONPRESP, 2005)

Dando seqüência a estes estudos, a equipe do CONDEPHAAT:

Em 15 de agosto de 2005, segundo Ata n. 1373, o parecer da conselheira relatora foi incluído na pauta para deliberação do Conselho, tendo sido aprovada a abertura de tombamento dos seguintes imóveis remanescentes do Hospital de Isolamento: Antigo Pavilhão de Classes – atual Casa Rosada Dr. Otávio Martins de Toledo; antigo Pavilhão 2 do Hospital de Isolamento (febre amarela e febre tifoide) – atual Casa Azul Dr. José Augusto Arantes; antigo pavilhão 4 do Hospital de Isolamento (varíola) – atual Biblioteca Instituto Adolfo Lutz; Faculdade de Higiene e Saúde Pública; Hospital das Clínicas; Pavilhão de Ortopedia; Escola de Enfermagem. (MIURA, 2014, p. 64)

Miura (2014, p. 56-80) afirma que, na documentação analisada relativa ao processo de tombamento do Quadrilátero da Saúde (Processo nº 52.290/2005) especificamente nos dois pareceres técnicos que embasaram a deliberação do CONDEPHAAT pelo tombamento ou não, identificou-se uma nítida cisão entre a análise espacial arquitetônica e a contextualização histórica, e esclarece:

Não é possível identificar um diálogo entre os pontos de vista arquitetônico e histórico, de maneira a tentar descobrir como aquela arquitetura estava imbuída de costumes, hábitos, concepções, formas de pensar e, por fim, políticas em voga na época. Se, por um lado, a

informação arquitetônica não se valeu completamente de dados históricos sobre a memória da atividade hospitalar, por outro, a informação histórica também não absorveu a visão espacial de conjunto tão ressaltada na primeira parte do estudo. A contribuição histórica, neste caso, apenas enriqueceu e contextualizou objetos previamente escolhidos, não sendo determinante no estabelecimento dos critérios de seleção dos edifícios indicados para tombamento. Em resumo, há um aparente descolamento entre o elucidado pela constituição histórica e o levantado pelo estudo arquitetônico. (MIURA, 2014, p. 73)

Em decorrência desta análise, no mesmo ano de 2007, o Grupo Técnico do CONDEPHAAT fez uma proposta de anulação das resoluções dos bens anteriormente tombados e publicação de nova resolução que os contemplasse em função de duas pendências – uma contestação sobre o tombamento feita pelo Hospital das Clínicas e a restrição do tamanho das áreas envoltórias dos bens tombados anteriormente a 2003. Estas duas pendências impedem que o processo de tombamento do Quadrilátero da Saúde seja finalizado, se encontrando atualmente o processo no aguardo de deliberação do Colegiado. (MIURA 2014, p. 74)

Visando subsidiar uma análise da tipologia arquitetônica utilizada na construção do antigo Hospital de Isolamento de São Paulo, foi realizada uma análise da tipologia pavilhonar hospitalar em voga no século XIX, tanto na Europa como no Brasil, especificamente em São Paulo.

A tipologia pavilhonar hospitalar

A arquitetura pavilhonar foi representativa do hospital moderno e difusa nas construções hospitalares do século XIX, tanto na Europa como no Brasil, sendo adotada na construção do Hospital de Isolamento de São Paulo.

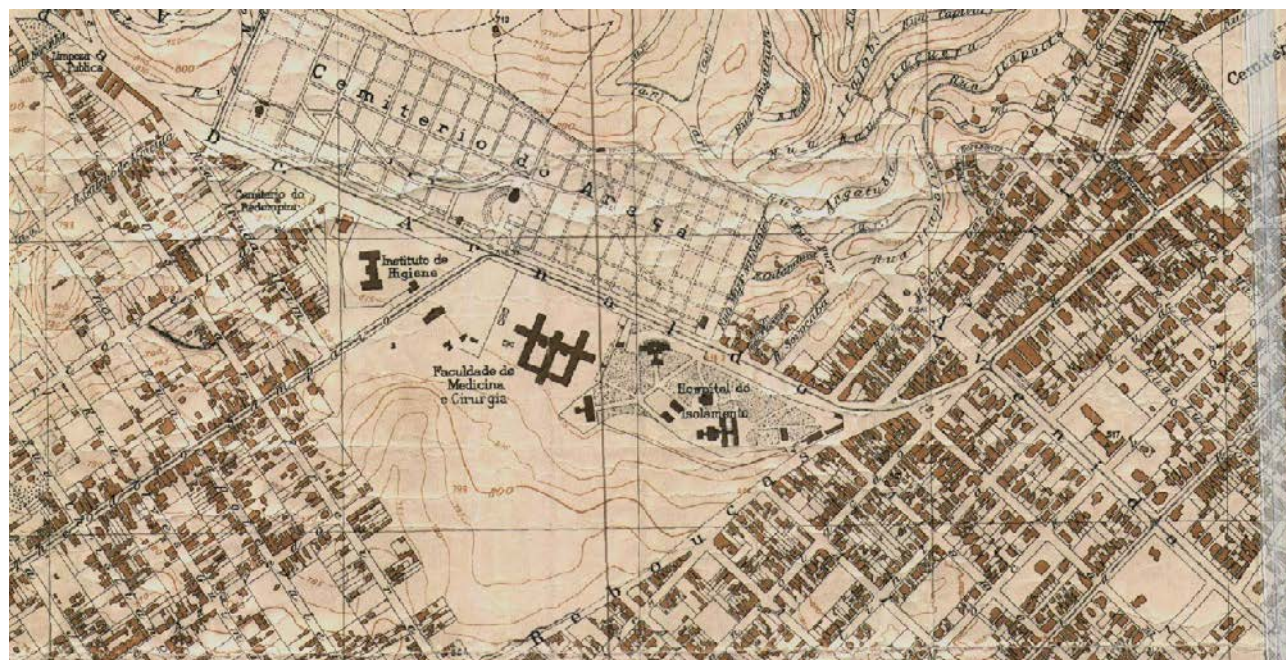


Figura 5. Localização dos principais edifícios do complexo hospitalar Hospital Emílio Ribas na planta da cidade de São Paulo de 1930. Em destaque: Hospital de Isolamento, Faculdade de Medicina e Cirurgia, Instituto de Higiene e Cemitério do Redentor. Ainda, no lado oposto da Avenida Doutor Arnaldo, o Cemitério do Araçá. Mapeamento 1930 – Sara Brasil http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx. Acessado dia 15/01/2018

Os hospitais com partido em bloco (inspirados nos antigos templos romanos) e em cruz foram, a partir de então, considerados inadequados, propondo-se, como alternativa, um novo modelo hospitalar: o hospital pavilhonar tido como solução arquitetônica ideal, numa época em que os trabalhos de Pasteur (1864) sobre o papel das bactérias como agente de enfermidades e os de Kock (1876) sobre os perigos do contágio recomendavam o isolamento dos pacientes com enfermidades potencialmente contagiosas. Nesta tipologia as edificações eram concebidas como isoladas em diversos pavilhões com funções diferenciadas como as enfermarias para doenças específicas e os edifícios administrativos com serviços de apoio. Entre os diversos pavilhões se dispunham passagens e caminhos abrigados para conectá-los, viabilizando a separação de doentes e doenças e, sobretudo, a disponibilização de “um considerável volume de ar, continuamente renovado pelos ventos.” (BENCHIMOL, 1990)

Segundo Claude Mignot (1983, p. 229), foram inúmeros os tratados e publicações sobre hospitais no século XIX, destacando-se as obras de Casimir Tollet que ficou conhecido por suas realizações no campo da arquitetura higienista para quartéis e hospitais. Concebeu o sistema Tollet fundado nas teorias aeristas para o combate aos miasmas e propôs princípios para a construção de edifícios hospitalares pavilhonares submetidos aos conhecimentos médicos do período fundamentados na teoria do contágio.

Uma de suas obras de grande referência para a construção de hospitais pavilhonares foi o tratado também de Casimir Tollet de 1894, denominado *Les hôpitaux modernes au XIXe siècle: description des principaux hôpitaux français et étrangers*, consolidando o que ficaria conhecido como sistema Tollet.

Nesta obra de 1894, Casimir Tollet comentaria sobre as experiências em construções hospitalares em Portugal destacando o trabalho de Costa Simões:

Em Portugal, o mesmo movimento progressivo se desenha sob a influência competente dos higienistas, notadamente o eminente professor A A da Costa Simões, diretor da Faculdade de Medicina de Coimbra, que num importante trabalho denominado “Construções Hospitalares (noções geraes e projectos)”, com referência aos hospitais da universidade, expôs os princípios a seguir em Portugal. (TOLLET, 1894, p.137)

Casimir Tollet comenta ainda nesta obra de 1894 que os resultados obtidos numa aldeia no Congo Português, pela Societé de construction du système Tollet, havia sido uma excelente demonstração, recomendando para os climas quentes as varandas contornando todo o edifício, ou ao menos no lado sul, com as longas alas sendo orientadas na direção leste-oeste. (TOLLET, 1894, p. 137)

As varandas, consideradas por Casimir Tollet como adequadas para climas quentes, estão presentes na obra de Costa Simões e foram utilizadas no Brasil. A obra de Antônio Augusto da Costa Simões, denominada *Construções Hospitalares (noções geraes e projectos)*, publicada em Coimbra em 1890, pode ser considerada um tratado para construções hospitalares e foi inspirada na obra de Casimir Tollet.

O professor da Universidade de Coimbra também afirmou que visitara a exposição de Paris em 1878 na qual o sistema Tollet fora exposto. Portanto, a formulação deste sistema na Europa já se fazia no final da década de 1870 tendo sido a exposição Universal de Paris de 1878 um palco para a sua difusão.

Costa Simões afirmou em sua obra que havia se inspirado no tipo de enfermaria que o notável arquiteto Casimir Tollet havia oferecido na sua obra *Mémoires sur les logements collectifs, hôpitaux, casernes, etc...* de 1878, a partir da qual o professor da Universidade de Coimbra havia formulado diretrizes para

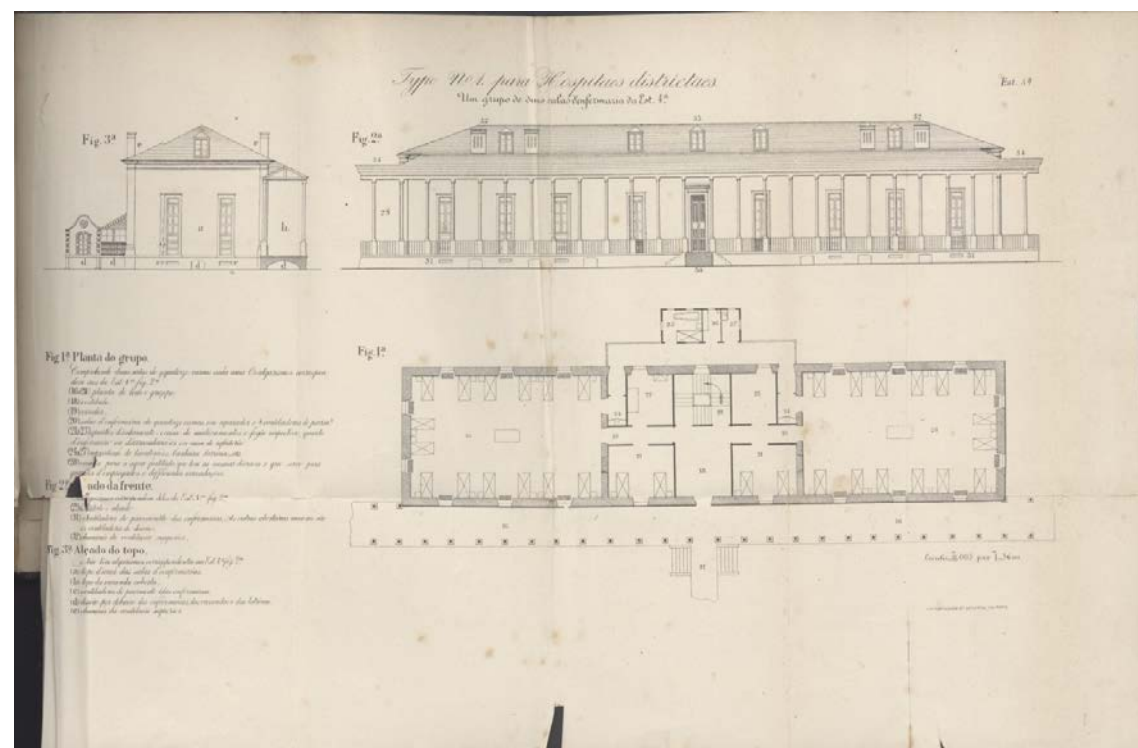


Figura 6. Projeto para hospitais districtais na obra de Costa Simões de 1890.

hospitais districtais e municipais. (COSTA SIMÕES, 1890, pgs. 312-313) (Figura 6)

Em sua obra de 1890, Costa Simões apresenta princípios construtivos para projetos de hospitais districtais e hospitais municipais que seriam, segundo o próprio autor “adaptados ao sistema Tollet”. (COSTA SIMÕES, 1890, p.587 e seguintes) Nesta obra afirma ainda que havia feito uma adaptação do isolamento do Boston free hospital, a partir do qual propõe uma distribuição dos diversos edifícios do complexo contendo: casa de administração, pavilhões de enfermaria, a enfermaria dos variolosos e a galeria coberta de ventilação entre as diversas repartições. (COSTA SIMÕES, 1890)

No projeto proposto para hospitais districtais Costa Simões comenta que havia disposto duas casas especiais para variolosos, ou para quaisquer outros doentes de moléstias contagiosas e descreve sobre projetos de pequenas enfermarias de isolamento, dentre quatro tipos, uma “Pequena casa de ferro e tijolo, sistema Tollet”.

O projeto de Tollet, segundo Costa Simões, se “acha disposto em pavilhões isolados, de um só pavimento de enfermarias, formando grupos de duas salas, de 14 camas cada uma” e a capacidade geral do hospital deveria ser de 200 camas. Para a boa higiene do estabelecimento propõe que fossem delimitadas zonas sanitárias. (COSTA SIMÕES, 1890, pgs 593- e seguintes)

Os conceitos de arquitetura pavilhonar apresentados por Casimir Tollet e Costa Simões são recorrentes na arquitetura hospitalar empregada em São Paulo.

O hospital pavilhonar em São Paulo

Francisco de Paula Ramos de Azevedo, a principal expressão da Arquitetura Eclética do Estado de São Paulo realizou diversos edifícios hospitalares fazendo recurso ao sistema pavilhonar, recomendado pelos higienistas do período.

Em 1879, Ramos de Azevedo participou do concurso para a construção do novo hospital da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. O projeto escolhido neste concurso foi o do engenheiro-arquiteto Luiz Pucci, mas caberia a Ramos de Azevedo a administração das obras. No julgamento da proposta de Luiz Pucci, a comissão destacava que a mesma havia sido pautada em princípios de higiene. Renato Gama-Rosa Costa afirma que, segundo seu próprio memorial do projeto, a inspiração de Luiz Pucci fora os hospitais pavilhonares estudados pela Academia de Ciências da França e o trabalho de Florence Nightingale. (COSTA, 2011, p.31)

A construção da Santa Casa de Misericórdia foi iniciada em 1881, tendo sido inaugurada em 1884, ainda inacabada, quando o jornal A Província de São Paulo descreveu, em 2 de setembro, aspectos da construção:

A frontaria já está principiada; os alicerces elevam-se a 2 metros. Estende-se um grande terraço por toda a frente das quatro enfermarias... O calçamento da frente será feito todo de pedra de cantaria. O estilo das obras é gothico. Os corredores são abobadados. Os tectos não abobadados são forrados de estuque. Nesse trabalho não entrou madeira. (A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, apud CAMPOS, 2011)

Ramos de Azevedo ainda projetou e construiu na cidade de São Paulo mais quatro complexos hospitalares. Em todos eles fez recurso à tipologia pavilhonar e do isolamento: o Asilo da

² Costa Simões foi professor e diretor da Faculdade de Medicina de Coimbra e escreveu diversas obras sobre arquitetura hospitalar.

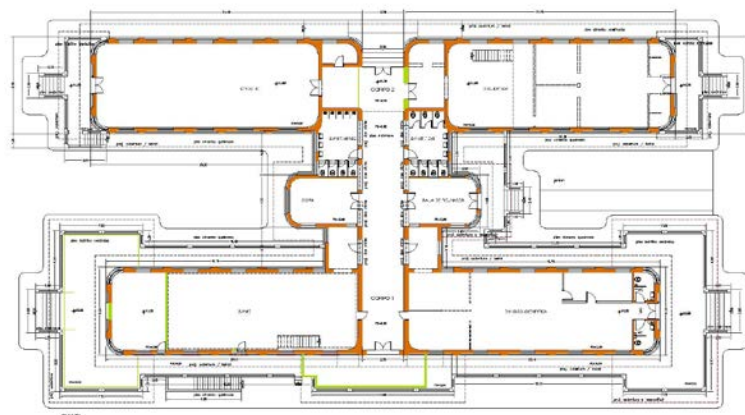


Figura 7. Planta do Pavilhão 2 do antigo Hospital de Isolamento de São Paulo, levantada por Paulo Fraga Silveira em 2002.



Figura 8: Elevação frontal da primeira ala do Pavilhão 2. Fonte: Paulo Fraga Silveira, 2002..

Mendicidade, entre 1879 e 1902, o Asilo do Juquery, entre 1895 e 1898, o Hospital Militar de São Paulo, entre 1895 e 1916 e Instituto Vacinogênico em 1894.

Contava inicialmente com “oito pavilhões ligados por galerias, quatro para cada sexo, e até 1920 mais 11 foram construídos, totalizando 17 pavilhões de dois pavimentos espalhados por uma grande chácara, afastada do centro da cidade de São Paulo”. (COSTA, 2011, p.32)

A construção se iniciou em 1895 e foi concluída em 1898 num terreno à margem da Estação Juquery da companhia inglesa de estrada de ferro, limitado de um lado pelo Rio Juquery. (CARVALHO, 2000, p. 202)

O projeto para o Asilo do Juquery que também era um Hospital de Alienados, também foi concebido com pavilhões interligados por galerias cobertas e áreas ajardinadas entre os pavilhões. O complexo era composto de um edifício principal e dois grupos de quatro pavilhões, simetricamente dispostos e separados por sexo. O edifício da administração foi projetado em estilo neogótico. “Nos demais pavilhões, Ramos de Azevedo manteve a linguagem funcional, com destaque para as varandas com estrutura em ferro e cobertura em telha francesa”; no interior as paredes foram revestidas com azulejos impermeáveis. (COSTA, 2011, p.33)

Ramos de Azevedo, em um relatório encaminhado para o secretário de Estado, Alfredo Pujol, em 1896, cometa que a implantação do Asilo do Juquery se faria em “uma vasta superfície em situação excepcional de salubridade, pela amenidade de seu clima, por sua excelente exposição, pelos largos horizontes que descortina e pela natural drenagem do seu solo”. Sobre a distribuição da planta ele comentaria que “o tipo adotado para a distribuição dos serviços é o de pavilhões isolados, comunicando-se por meio de galerias cobertas”. (RAMOS DE AZEVEDO, 1896 apud CARVALHO, 2000, pgs. 207-208)

A tipologia pavilhonar nos demais edifícios remanescentes do antigo Hospital de Isolamento de São Paulo

Como nas demais construções já demolidas do antigo Hospital de Isolamento de São Paulo, os conceitos da arquitetura pavilhonar hospitalar estão presentes em mais dois edifícios remanescentes, o Pavilhão 2 e o Pavilhão 4.

O Pavilhão 2 (figura 7), construído em 1894, era também conhecido como Casa Azul, foi erguido sobre um porão em média a 1,20 de altura, contendo arcos plenos vazados para garantir uma ventilação constante, funcionando como colchão de ar. Sua estrutura pavilhonar é marcada por várias entradas, sendo todas independentes, nas extremidades das alas e na parte frontal e posterior. As suas entradas são avandadas, cercadas e protegidas por gradis de ferro, cobertas por telheiros de telhas cerâmicas francesas e sustentadas por colunas de ferro fundido (Figura 8). Estas estruturas de ferro possuem ornatos e mão francesas na parte superior. Em todas as varandas ou pátios internos foram utilizados como recurso estrutural e arquitetônico os elementos dos gradis e colunas de ferro fundido ornados. No piso das varandas foram utilizados ladrilhos hidráulicos coloridos sobre laje abobadilhada. A fachada é composta, como também a planta, de forma simétrica revelando uma correspondência entre os painéis e aberturas dos arcos plenos nos porões. As aberturas são marcadas por janelas amplas, altas com bandeiras sendo compostas por dois conjuntos de folhas, uma em vidro e outra em veneziana de madeira. Apesar do Pavilhão 2 ter sofrido uma grande reforma no início do século XX, podemos afirmar que as portas foram concebidas em madeira, conforme iconografia antiga. Percebemos que todas essas características aparecem nos elementos projetados para as áreas externas.

No piso desta varanda foram utilizadas pastilhas bancas e azuis (Figura 9).



Figura 9: Piso hidráulico utilizado na varanda do Pavilhão 2.
Fonte: Paulo Fraga Slveira, 2002.

Figura 10. Vista da varanda da ala frontal do Pavilhão 2.
Fonte: Paulo Fraga Slveira, 2002..

A prospecção e análise do edifício Pavilhão 2 forneceu subsídios para compreender a arquitetura do sistema pavilhonar original do Hospital de Isolamento de São Paulo, uma vez que este pavilhão sofreu uma reforma pautada nos princípios de uma arquitetura Art déco no início do século XX. (Figura 10).

No que se refere ao Pavilhão 4, este foi construído em 1900, com pavimento único sobre um porão com um 1,20 m de altura em média, sendo essa alterada conforme declividade do terreno. Originalmente os porões eram formados por diversos arcos plenos que foram em uma reforma cobertos parcialmente. Uma varanda contínua envolve a ala na parte frontal e nas laterais esquerda e direita. Essa varanda é sustentada por esbeltas colunas de ferro fundido e possuem um gradil de ferro em toda sua extensão.

O Pavilhão 4 era composto além do grande pavilhão principal de um anexo posterior interligado por uma passarela (Figura 11). A passarela revela a intenção de isolar os dois blocos deste pavilhão.

O Pavilhão 4 foi objeto de pequenas reformas na década de 1960. Todavia, o edifício ainda preserva suas varandas protegidas e envolvidas por gradis de ferro ornamentados com cobertura em telhas cerâmicas francesas sustentada por colunas de ferro fundido. Essas colunas delgadas que possuem mão francesas na sua parte superior para sustentar a varanda são todas ornadas (figura 12 e 13).

O edifício foi concebido sobre estruturas em alvenaria, que funcionam como baldrame constituindo o porão; essas largas paredes sustentam as lajes do piso e conseqüentemente suas paredes mais finas.

As janelas são compostas por folhas de vidro que se abrem

para o interior da edificação e por folhas venezianas de madeira que por sua vez se abrem para o exterior. As portas externas são de madeira almofadadas e com bandeira de vidro. Algumas possuem atualmente sobre as almofadas superiores uma folha de vidro, porém não podemos afirmar que esta fosse a solução original.

O gradil da varanda do Pavilhão 4 é ornamentado com volutas espelhadas nas partes inferior e superior. O piso da varanda conserva seu ladrilho hidráulico original.

A análise histórica dos aspectos construtivos do Pavilhão 4 também nos forneceu subsídios para compreender a arquitetura do sistema pavilhonar original do Hospital de Isolamento de São Paulo.

Conclusão

Este trabalho permite subsidiar o tombamento dos três edifícios analisados, a Casa Rosada (Pavilhão Classe), a Casa Azul (Pavilhão 2) e o Pavilhão 4, destacando que este edifício que ainda não foi tombado pelo CONPRESP, é o exemplar mais autêntico da arquitetura pavilhonar do século XIX, o que justifica a sua preservação como exemplar de uma arquitetura singular difusa universalmente. A Casa Rosada (Pavilhão Classe), como o próprio nome revela, é uma construção que segue os conceitos da arquitetura higienista do período, mas não se configura especificamente como um pavilhão. A Casa Azul (Pavilhão 2) perdeu autenticidade quando foi reformada em 1930 segundo projeto e execução do chefe de Engenharia Sanitária, Mario Ayrosa, todavia o projeto art déco de sua reforma deu ao edifício um valor arquitetônico singular que contribui para os argumentos de seu tombamento.

REFERÊNCIAS

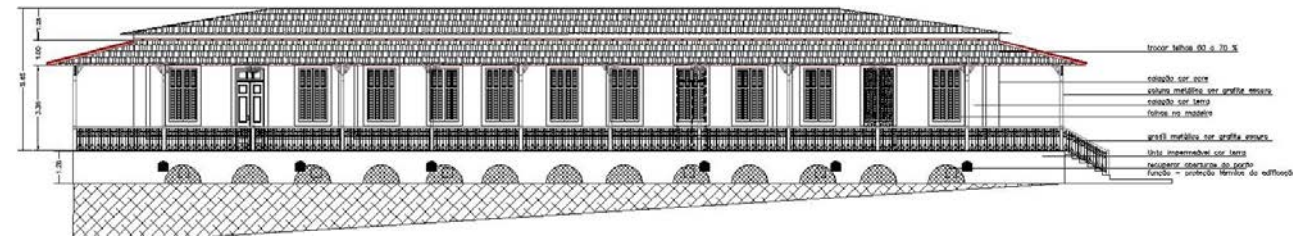


Figura 11. Levantamento gráfico da elevação principal do Pavilhão 4.
Fonte: Paulo Fraga Silveira, 2002..



Figura 12. Gradis de ferro da varanda da entrada principal do Pavilhão 4.
Fonte: Paulo Fraga Silveira, 2018.



Figura 13. Mão francesa em ferro fundido na coluna do Pavilhão 4.
Fonte: Paulo Fraga Silveira, 2018.

BENCHIMOL, Jaime Larry. Dos micróbios aos mosquitos: febre amarela e a revolução pasteuriana no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Editora UFRJ, 1999.

CAMPOS, Eudes. Hospitais paulistanos: do século XVI ao XIX. Informativo Arquivo Histórico de São Paulo. São Paulo, 2011, nº29.

COSTA, Renato Gama-Rosa. Arquitetura hospitalar em São Paulo. In: Maria Lucia Mott; Gisele Sanglard. (Org.). História da Saúde em São Paulo: Instituições e Patrimônio Arquitetônico (1808-1958). Barueri: Manole; Fiocruz, 2011, v. , p. 25-61.

CARVALHO, Maria Cristina Wolff de. Ramos de Azevedo. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo. Processo de tombamento nº 52.290/2005.

CONPRESP – Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo. Resolução 08/2005, 2005.

MIGNOT, Claude. L'architecture au XIXe siècle. Fribourg: Office du Livre, 1983, p. 212 a 226.

MIURA, Priscila Miyuki. Quadrilátero da Saúde: patrimônio edificado da Universidade de São Paulo - USP. Revista CPC, 2014, (18), 56-80. <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v0i18p56-80>

SILVEIRA, Paulo Fraga. Projeto de Restauro do Antigo Pavilhão Classe do Hospital de Isolamento de São Paulo. Catálogo da 5ª Bienal Internacional de

Arquitetura de São Paulo, Exposição Geral, 2003, pg 375.

SIMÕES, Antônio Augusto da Costa. Construções Hospitalares (noções gerais e projectos). Coimbra, 1890.

TOLLET, Casimir. Les hôpitaux modernes au XIXe siècle: description des principaux hôpitaux français et étrangers Paris, 1894.